A pedra da egreja, no Chili

A provincia do Chili, ou antes Chile, na America do sul, que desde 1818 se constituiu em republica independente, foi conquistada pelos hespanhoes em 1537, que a governaram como colonia, e mantiveram á custa de muitos trabalhos, desde as primeiras tentativas que os chilenos fizeram a prol da liberdade, até ao reconhecimento da sua independencia.

Da sua conquista, historia, riquezas e povoadores, escreveu um volume em folio, com mui curiosas estampas, o jesuita hespanhol D. Alonso de Ovalle, em 1646, de que nos poderiamos valer para dar noticia d'esta deliciosa provincia do novo mundo, se não nos devessemos restringir á explicação da estampa que hoje reproduzimos.

O clima do Chili é dos mais aprazíveis e sadios do globo, sobre tudo na costa maritima, d'onde os naturalistas dizem que não cede em amenidade aos ares de Italia. É, porém, tão sujeita esta região a terremotos, que lhe tira parte dos encantos que para alli attrahiria os europeus. Entretanto, os habitantes estão já tão affeitos a taes calamidades, que vivem como se tal lhes não tivera acontecido tantas vezes, como em 1822, que um terremoto lhe arrasou a melhor cidade, chamada de Valparaiso, que pelo nome, bem applicado, está dando pregão das maravilhas da natureza d'aquella terra, que tem de extensão 450 legoas ao longo das costas do mar Pacifico.

Conta o Chili para mais de 125 rios e ribeiras, muitos d'elles navegaveis. As florestas são gigantes e espessas, todas de madeira propria para construcções navaes, de que faz grande exportação, tendo-se não ha muito estabelecido varios estaleiros na foz do Maule, e levantado uma povoação maritima e commercial, que ainda não mencionam os tratados de geographia, mas que dentro em pouco será a feitoria de todos os generos das ricas provincias agricolas de Talca e Coquimbo. Esta povoação foi a principio chamada a Nova Bilbau; mas para commemorar a proclamação da sua nova lei politica, lhe pozeram o nome de Porto da Constituição, o qual se conserva e usa officialmente nos actos do governo.

Pouco conhecida ainda na Europa, sel-o-ha muito em breve, que assim lh'o promette o opulento futuro que os seus povoadores lhe vão preparando. Pena é que os bancos de areia, que de vez em quando vem obstruir a entrada do porto, impeçam ás vêzes a entrada dos navios. Para remover este obstaculo ao commercio maritimo, tem os negociantes, auxiliados pelo governo, trabalhado activamente; pelo que, a Nova Bilbau virá um dia a rivalisar com a capital da Biscaya, cujo nome teve no seu berço.

Por ora, esta nascente cidade não tem que ver para o viajante, mais que as suas magnificas florestas. As praias do mar, onde vem desaguar o rio Maule, são assombradas por eminentes rochedos, que dão um aspecto mui agreste a toda a costa, principalmente ao sul do rio. As rochas são graniticas, mas de um granito que se decompõe ao ar, resultando d'esta simples circunstancia, a singular variedade na disposição dos rochedos; porque, se uns tomam

a fórma de um cubo immenso, outras se elevam em pyramidal.

Quasi a meia legoa da nova cidade, está a rocha viva que a nossa estampa representa. É uma grande massa de pedra, notavel pelas suas dimensões, e porque a atravessa de parte a parte uma especie de canal, ou, para melhor dizer, uma galeria natural, cuja elevação excede muito a altura de um homem. Esta singular abertura recebeu dos habitantes o nome de «Piedra de la Iglesia», não se sabe se por ter esta rocha sua analogia com um edificio levantado por industria humana, ou porque, segundo uma tradição oral, se disse missa sob o tecto natural da galeria.

O Chili tem uma população de 1:600:000 almas, segue a religião catholica romana, e falla a lingua hespanhola.

O celebre poeta hespanhol quinhentista, Alonso de Ercilla, no poema epico da conquista dos araucanos, em cuja guerra combateu, dedicou o primeiro canto da sua *Araucana* á descripção e louvores do Chili.

POETAS PORTUGUEZES NO BRAZIL

I

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

Vivemos n'um paiz e n'um seculo em que duas braças de chão surribado valem mais do que um livro! Todos os individuos tendem mais ou menos para a vida material, para as grandes emprezas da industria moderna, que nascem n'um dia e morrem no outro supplantadas por emprezas mais gigantescas. Os nossos ouvidos no meio do estrepito confuso das machinas, e do ruido das locomotivas, não ouvem senão o tinir metallico do dinheiro, bem ou mal adquirido. Os espiritos mais abstractos aspiram ao conforto que dá a riqueza, ao luxo, ao gozo de tudo. O vapor é o genio da epocha; os campos onde reinava outr'ora a tranquillidade, onde o silencio da paz era apenas interrompido pela voz do lavrador que incitava o gado ao trabalho, ou pelo canto argentino da ceifeira, estremecem agora com o rodar constante das carruagens que passam como relampagos. Espessas columnas de negro fumo correm pelos ares, como nuvens de ruim agoiro, roubando-nos á vista o azul dos ceos que alegrava as almas. Ao suave aroma das plantas e das flores succedem-se as nauseabundas exhalações do carvão de pedra candente. Rouba-se á terra o pittoresco aspecto que lhe deu o Creador, atterrando os valles, e abrindo as montanhas para assentar carris de ferro. Cortam-se os rios, expulsam-n'os dos seus leitos para transformar com elles a natureza dos terrenos, e fertilisar, em proveito da avidez do ganho, o chão mais ingrato á cultura.

Esta febre industrial communica-se de dia para dia; dá em todos a vertigem de *andar depressa*, e as quédas de uns não impedem que outros precipitem a carreira com a cega esperança de mais breve attingirem o suspirado fito. O gozo material é a Divindade que todos pretendem ter por si: e para chegar junto d'ella não se hesita diante de nenhum obstaculo; a consciencia fecha os olhos para não ver os amigos quando seja mister sacrifical-os, e vae silenciosamente enfileirar-se nas longas alas dos homens que introduziram a infallibilidade no calculo.

As leituras queridas da actualidade são os relatorios pomposos, onde as palavras soam como orchestra de circo; os contratos monstruosos, as contas de gerencia de companhias fabulosas, a historia de lucros enormes de minas que se não exploraram, a noticia, em fim, de tudo em que se possa ganhar muito, trabalhando pouco, e não gastando nada. Acceitam-se os meios honestos, a usura, ou a infamia, para fazer fortuna, com tanto que se faça com o menor incommodo. Sabe-se apenas se existem outras letras além das de cambio, se para ser feliz é necessario saber mais do que levantar castellos de algarismos, e se o *Deve* e *Ha de Haver* não é a suprema expressão da humanidade.

Os homens que nasceram para illustrar a sciencia, a litteratura, a politica, ou a historia do seu paiz, tem pejo de se isolarem das tendencias do seculo, e, ainda que sem se despirem da probidade, fogem das suas especialidades para não morrerem de fome, ou de ridiculo, e embrenham-se no commercio, plantam arrozaes, ou fundam fabricas de estrume!

De todos os individuos que compõem as sociedades humanas, nenhum é menos apto para esta lucta de interesses materiaes do que o poeta. Assim tambem é elle o primeiro e o que mais soffre por essa exclusão, para que não contribue a sua vontade, porque ella provém da natureza da sua organisação. Bem ou mal, o poeta não póde produzir senão um genero de mercadoria, que tem raros consumidores; e como só a multidão multiplica o salario, segue-se que o desgraçado acabará á mingoa, não podendo entregar-se a uma vida agitada e grosseira cuja actividade physica matará a actividade moral. A sociedade, que o assassina, recusando-lhe os meios de viver segundo a sua natureza, condemnal-o-ha, como criminoso diante de Deus e dos homens, quando elle tomar a resolução de Chatterton. Se por ventura Deus lhe der força e paciencia para curvar a cabeça diante dos algarismos, o calculo matará a illusão, e as harmonias sublimes que brotavam de vez em quando do seu cerebro ardente, não tornarão a manifestar-se!

Mas para este meio suicidio, para esta immensa resignação é necessaria uma energia rara; e os que a não tem, hão de por força soltar o grito supremo e terrivel, que serve de epigraphe á historia de um d'estes desventurados illustres: *despair and die!* pouco importa que elle se chame Camões, Chatterton ou Homero.

Alfredo de Vigni escreveu mais de um livro para sustentar o principio de que o poeta adquire, pelas primeiras manifestações do seu talento, o direito ao pão, que deve pagar em poemas; triste porém d'aquelle que se confiar n'esta generosa theoria! A inspiração é uma loucura que ataca os homens de genio, e o vulgo acha indignos da sua piedade esses loucos divinos, que fallam como os anjos. Porque o poeta não póde abafar no seio a celeste melodia dos seus hymnos, para traficar em escravos ou em moeda falsa, deixa-se morrer á fome! Vergonhosa doutrina, que não inspira bastante horror senão aos selvagens da America, porque estes julgam-se obrigados a manter e respeitar os que padecem de loucura, ainda que sejam filhos d'uma tribu inimiga.

Não sei porque mysterio da Providencia o talento se revela mais nos individuos pouco favorecidos da fortuna; que isto seja uma especie de compensação, ou que a opulencia contrarie o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, é certo que se os poetas não são ricos, tambem os ricos não são poetas, nem de poesia entendem.

Mas d'essa ignorancia resulta que tambem não compram o livro, especialmente hoje, que já não é moda proteger as letras, e a falta de consumidores ensina á miseria onde habitam os queridos das musas.

Em Portugal, paiz de poesia e de poetas, onde até os camponezes das provincias menos cultas improvisam em seus cantares suavissimas endeixas, quasi que já se não faz um verso. Armaram os interesses materiaes de baraço e cutello, em nome do progresso, e lançaram-n'os em columna cerrada sobre todas as cabeças a quem o sol da nossa terra, ou o sol da liberdade, doirava a inspiração. Essa pleiada de cantores que principiou ha perto de vinte annos uma vida cheia de amor, de gloria, e de esperança, ficou assombrada quando lhe interromperam a harmonia dos seus mais bellos cantos com o estrepito das machinas; esmoreceu quando lhe disseram que despedisse de si as illusões, se queria pão e vestidos; e dispersou-se como um bando de cysnes, quando lhe provaram que se vivia muito bem sem amor e sem poesia.

E vive-se com effeito! Deixem correr o tempo, que o positivismo das nossas eras ha de talvez substituir ainda, na fronte dos que empunham a lyra, uma aureola de ridiculo, em vez da coroa d'espinhos, porque a de loiro já se não usa.

Fizeram dos poetas administradores, jornalistas, lavradores, governadores civis, escrivães de fazenda e até ministros d'estado! A uns mataram-nos realmente, a outros amortalharam-nos vivos em empregos para que tinham manifesta negação; e se algum por acaso collocaram em logar onde podesse aproveitar a sua vocação, não houve n'isso virtude, mas sim esquecimento dos que o fizeram.

A verdade é que se não ouve já senão raras vezes alguma d'aquellas doces melodias que outr'ora nos deleitavam; e assim mesmo as que chegam aos nossos ouvidos são rapidas e fugitivas como um sonho! A lyra apenas ferida emmudece logo com receio, talvez de que a vão denunciar aos fariseus, para quem é um crime o fazer versos.

Mas apesar de tantas contrariedades, de tanto materialismo estupido e de tanto desprezo pela mais nobre das bellas artes, tal é a natureza do nosso clima, que os poetas continuam a nascer todos os dias, ainda que se não atrevam a revelar-se aos barbaros que os rodeiam. Mais felizes, porém, doque os da geração que vae passando, descobriram um meio de se subtrahirem á oppressão dos *melhoramentos materiaes*. Esse meio feliz, inspirado sem duvida pelo amor do bello, é emigrar para o Brasil.

Alli póde-se cantar sem receio de ser interrompido pelos bramidos horrorosos da mechanica, ou pelo desdem insultador dos materialistas. Lá adora-se a poesia; e o mar, os lagos, os rios, as selvas, as flores e as aves, tudo inspira e incita ao canto. Padecem-se por lá muitos e muito grandes infortunios, é verdade, mas não se prohibe á imaginação que vôe desaffrontada. As saudades da patria, porque esta as inspira sempre por mais ingrata que seja, as memorias da infancia e da familia, o aspecto d'uma natureza esplendida e unica, tudo contribue para fazer poetas aos que o não são, e muitos se tem creado sem outros elementos. Da cidade do Porto, de Vianna, de Braga, e de outros logares da provincia do Minho, que antigamente não exportavam senão escravos brancos para os mercados do novo mundo, partem agora, e quasi diariamente, mancebos, ricos apenas de talento, que não achando na terra natal facilidade de cultivar as letras, e de adquirir ao mesmo tempo os meios de uma honesta subsistencia, a vão procurar entre os seus irmãos d'além-mar, cuja lingua, religião e litteratura se confundem com as da patria. N'aquelle grande imperio, o commercio não tem horror á leitura; lêem-se com prazer os bons versos, e o caixeiro da mais modesta *quitanda* sabe de cór os *Lusiadas*. Tambem lá vive, como em toda a parte, um grande numero d'estes selvageus que chamam ao mechanismo do verso *uma engenhosa tolice*, e que não comprehendem a utilidade do poeta no meio das sociedades bem organisadas; mas para esses o homem que falla com as musas é um doido pacifico e inoffensivo, que não vale a pena contrariar.

Em vista d'isto, não admira que o Brasil seja o grande consumidor dos livros que se imprimem em Portugal, que os mancebos portuguezes residentes nas diversas provincias do joven imperio sejam muito dados á cultura das letras, e que no Rio de Janeiro haja, entre outras muitas e muito uteis associações, um *Gremio Litterario Portuguez*, que sendo composto na maior parte por gente do commercio, é muito superior ao *Gremio Litterario de Lisboa*, fundado por muitos dos primeiros escriptores de Portugal.

No segundo artigo mostrarei a razão d'esta superioridade.

F. GOMES DE AMORIM

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

A façanhosa guerra intentada pelos nossos visinhos hespanhoes, contra este barbaro imperio, para vingarem o ultraje feito á bandeira iberica, tem actualmente trazido para a imprensa de Hespanha e França muitas noticias e relações antigas de Marrocos. Entre ellas merece especial menção a memoria escripta pelo sr. D. Antonio Canova del Castillo, no magnifico jornal de Madrid *La America*.

Bem é que nós os portuguezes, primeiros conquistadores d'aquelles barbaros, em cujas terras perdemos o nosso rei D. Sebastião, saiamos tambem com algum pouco do muito que ainda temos inédito, a respeito d'aquella parte da Africa.

Eis o que nos induz a publicar a seguinte viagem, mui curiosa e particularisada no tocante aos usos e costumes dos marroquinos no seculo passado. Tem ainda esta viagem outro valor, que é ser escripta por uma dama portugueza, ácerca da qual apenas podémos apurar o seguinte.

A auctora, D. Filippa de Vasconcellos, foi captivada pelos barbarescos nos principios do seculo passado, navegando com seu marido para o Levante. Conduzida a Mequinez, corte habitual do imperador de Marrocos, ahi esteve captiva vinte e tantos annos.

Como nenhum dos nossos biographos dá noticia d'esta escriptora, recorremos á chronica dos frades Redemptoristas ou da Trindade, e ahi achámos a seguinte menção:

Entre os resgatados d'Africa, n'este anno de 1729, vieram D. Filippa de Vasconcellos, natural de Alcacer do Sal, casada com João de Torres, egualmente captivo, de edade de 43 annos; D. Anna de Vasconcellos, sua filha, casada com Lourenço do Rio, tambem captivo, de edade de 15 annos, e 11 de captiveiro; D. Leonor de Vasconcellos, filha da dita D. Anna, de 2 annos de edade.

Na *Gazeta de Lisboa* de 5 de maio de 1729, se dá a seguinte noticia:

A 23 entrou n'este porto, com viagem de 7 dias, de Mazagão, um navio inglez chamado «Genova Fragata», e n'elle chegaram dois religiosos da Santissima Trindade, o doutor fr. Pedro de Mello e o prégador geral fr. Joseph de Paiva, que haviam partido d'esta cidade para aquella praça em 6 de setembro do anno passado. Com elles chegaram da escravidão de Mequinez 113 pessoas, em que entram

7 mulheres e 4 meninos, nascidos 3 d'elles na mesma escravidão; e cada pessoa d'estas foi resgatada por 410 patacas.

Os religiosos os conduziram em procissão desde a praia de S. Paulo, onde desembarcaram, pelo terreiro do Paço, e ruas publicas da cidade, até ao seu mosteiro, onde os hospedaram 3 dias á sua custa, festejando a sua chegada com luminarias e repiques. S. M. e A. viram a procissão das janellas do paço.

Por aqui se vê que D. Filippa era pessoa notavel, porque de tantos captivos que vieram juntos de Marrocos, só d'ella e das pessoas da sua familia se faz menção.

Consta que d'esta varonil e mui instruida senhora portugueza, tinha escripto largamente fr. Simão de Brito, que por muitos annos estivera em Mequinez, e a conhecêra lá. Mas todas as obras manuscriptas d'este frade foram consumidas com a livraria do convento da Trindade no terremoto de 1755.

Como os nossos leitores verão, esta viagem é cheia de interesse, e admiravel pela aventurosa e attribulada vida da auctora.

I

Nasci na villa de Alcacer do Sal, provincia do Alemtejo; foi meu pae um cavalheiro morgado, por nome Manoel Paes Cobellos de Vasconcellos, natural da villa de Alvito, o qual por um infausto successo lhe foi preciso passar com seu pae para o reino de Hespanha, fazendo assento em Xerez de la Frontera, em a qual cidade casou com minha mãe, D. Leonor de Medina e Gusmão, das principaes familias da dita cidade, em a qual morou alguns annos, até que alcançando perdão de S. M., voltando para o reino de Portugal, veiu fazer residencia em a villa de Alcacer do Sal, onde meu pae tinha seu morgado, na qual villa nasci, primogenita de todos os meus irmãos, e como tal com applausos festejada.

Porém, logo que no infausto theatro d'este mundo dei os primeiros indicios de minha vida, principiei tambem a dar extraordinarias demonstrações dos meus principios; pois não foi possivel, segundo contam, pegar em peito racional para o meu sustento, sem embargo de serem duplicadas as amas que buscaram; e vendo meus paes, que quasi quatro dias completos estava sem sustento algum, determinaram chamar medicos, para ver o que em tal caso se devia fazer; e entre varias consultas que tiveram, foi conselho de um d'elles, que me deitassem, de umas cabras que em casa havia, umas pingas de leite na bocca, e vendo que de algum modo o levava, chegando a bocca ao peito, dizem, logo principiei a mamar, ficando todos maravilhados; do qual leite me sustentei algum tempo, sem ser possivel em todo elle pegar em outro peito; e assim me fui criando entre os regalos e delicias de uma casa de tantos cabedaes, como a de meus paes n'aquelle tempo era.

Porém, como já o destino queria dar principio á tragica historia de minha vida, succedeu que indo meus paes pagar uma romaria ao Senhor Jesus da Serra, que dista uma legoa da dita villa, habitando em umas casas que são do conde-barão, ahi estivemos alguns dias, entre os quaes, um d'elles, saindo como rapariga de nove annos a divertir-me por um alto monte, que para o rio fica confinante, querendo colher umas flores, e escorregando-me os pés, fui precipitada pelo monte abaixo, de sorte que já quasi chegando ao mar, fiquei presa por certa rama. Estando assim por algum tempo, sem ser d'este successo minha familia sabedora, fui vista pela gente de uma lancha, que me recolheu a seu bordo, e como não vissem mais pessoa alguma, me levaram a um barco pescador, que era da dita villa, dizendo terem-me achado já quasi caindo dentro d'agua, e que não conheciam de quem era; mas sendo dos ditos pescadores conhecida, me levaram a meus paes, que com muitas lagrimas me buscavam por todos aquelles sitios, do qual sobresalto fiquei bastantemente molestada.

Mas, como os infortunios não costumam, pela maior parte, vir sós, eram poucos dias passados quando me succedeu outro como o antecedente; e foi o caso, que no tempo da mesma romaria, que durou quasi um mez, indo ao pé de uma lagoa que fica no mesmo sitio, na qual o conde-barão tinha n'aquelle tempo quantidade de patos, e querendo pegar em um dos mais pequenos que na dita lagoa andavam, fui de um toiro assaltada, sendo-me preciso para meu livramento, metter dentro d'agua até aos peitos, ficando o toiro, por ter vindo da parte mais baixa, atolado, sem poder totalmente fazer movimento algum, ficando eu n'este estado mais de tres horas até que vindo gente me tiraram, sendo necessario a meus paes fazer varios remedios para poder entrar em mim, pois com a grande frieza e sobresalto, fiquei incapaz de fazer movimento algum, por cujo motivo deixando a romaria nos fomos para casa.

Como da afflicção fiquei com accidentes continuados, sem serem sufficientes os humanos remedios para o allivio, determinaram fosse uns dias levada a um convento de religiosas de Santa Clara, sito em o castello da dita villa, para companhia de uma minha tia, por nome soror Simôa dos Anjos, para ver se ahi tinha algum divertimento, para cujo effeito tiraram licença para estar todo o tempo que quizesse, e ahi estive oito mezes, com tanto gosto, que fui tendo conhecidas melhoras, tanto assim que não queria de lá sair, intentando ficar freira em o dito convento; o que meus paes de nenhum modo quizeram. Vendo minha resolução, formaram um engano com que me tiraram; mas assim devia de ser, para experimentar os tragicos successos de minha vida, pois tres vezes fiz fugida para o dito convento, sem ser possivel lograr o que desejava.

Passado seria um anno que do convento tinha saído, quando veiu para este reino a Magestade de Carlos III, sendo preciso a meu pae, como principal da terra, ir visitar o dito senhor, em a qual visita ficou contrahindo particular amizade com o pagador geral das tropas do dito Carlos III, o padre Alves Cienfuegos, com o qual se correspondia. Mas como em este mundo não se acha felicidade que tenha perpetua duração, succedeu que de um pleuriz maligno falleceu meu pae, em cinco dias de doença, sendo para todos da terra a sua morte de notavel sentimento; em cujo tempo fiquei eu de edade de doze annos e meus irmãos todos de menor edade; e juntamente minha mãe padecendo uma molestia de bastante detrimento.

Era juiz de fóra da dita villa Nuno Baracho Encerrabodes, que n'aquelle tempo se achava em controversia com meus paes, e determinou logo fazer inventario de todos os bens que se achavam livres do morgado, vendendo todos os moveis, dizendo que por se acharem menores, queria pôr toda a importancia no cofre. De todas as fazendas livres fez tutor a um meu tio clerigo, o padre Francisco Paes Cobellos, com o qual estavam meus paes em nimia inimizade, por cujo motivo impacientada, uma tarde, intentei com uma pistola tirar a vida ao dito juiz de fóra, o que fizera, se minha mãe, com muita efficacia, me não impedisse. Mas como ella no dito tempo se achasse totalmente padecendo uma chronica enfermidade, determinaram os medicos que pa-

ra sua melhora era muito necessario mudal-a de ares, o que logo intentámos fazer para a villa de Setubal, o que o nosso administrador de nenhum modo queria consentir, dizendo era escusado andar mudando habitação, assim que, de nenhum modo convinha, cujo conselho não quizemos observar. Vendo elle a nossa resolução, determinou fallar ao juiz de fóra, para que passasse ordem a todos os barcos d'aquella villa, com pena pecuniaria e de prisão, áquelle que para fóra da villa nos levasse, ao que eu com toda a resolução fiz vir um barco de Setubal, em o qual de noite, por uma janella baixa, que para o rio fica, fui embarcando todo o fato, e o mais que para a jornada tinha preparado; e embarcando minha mãe, e a mais familia, nos puzemos á vela.

Porém chegando a um sitio, que dista uma legoa da dita villa, onde chamam os Alamos, vimos vir um barco pequeno com o nosso administrador, juiz de fora e mais justiça, e querendo chegar ao barco, lhes dissemos se fossem e nos deixassem; mas vendo que proseguiam sem attenderem ás nossas razões, com um bacamarte, que levava preparado com seis quartos e duas balas, lhe atirei ao barco, onde feri a dois; por cujo motivo retirando-se, formaram-nos logo crime de resistencia; porém nós passando para a cidade de Lisboa, onde eu tinha outro tio, por nome Francisco Monteiro de Miranda, desembargador de appellação, crimes e aggravos, este em breves tempos compoz tudo, livrando-me do crime, por menor.

(Continua)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

O TRAPEIRO DE LISBOA

Lido este artigo, ninguem, por certo, concluirá que muito mais facil é compor um poema como os *Lusiadas*, ou um drama como o *Fr. Luiz de Sousa*, do que photographar litteralmente o trapeiro de Lisboa, cuja singelissima e prosaica physiologia se limita, apenas, ao comprimento do arco que descreve um gancho, nas mãos de um homem cristallisado pelos agentes fataes do idiotismo e da miseria, para apanhar trapos e papeis velhos.

Antes nós queriamos ser encarregados de resolver as insoluveis questões do *deficit*, da liberdade do commercio, do papado, ou de descobrir quem nos governe constitucionalmente, que é hoje a nossa pedra philosophal, do que sermos obrigados a traçar a physiologia do miseravel e nauseabundo personagem que nos váe occupar, e perante o qual, a propria fecundidade milagrosa dos romancistas francezes se tornaria palavrosamente esteril.

Todavia tentemos, pelo menos, a tarefa, já que a gravura é, em terras jornalisticas, um viajante que os leitores não reconhecem sem lhe verem o passaporte.

Muita gente cuida que na vasta cadeia social, os trapeiros constituem uma familia mui diminuta, e que taes são simplesmente os que, como o da nossa estampa, limpam as ruas, os monturos e os barris do lixo, dos trapos e outros residuos.

É um engano.

Essa errada opinião póde lisonjear o amor proprio dos que, usando de trapos, comtudo não os apanham publicamente, mas profana gravemente o inviolavel culto da verdade.

O trapeiro de Lisboa
(Copiado do natural) — Desenho de Nogueira da Silva

Não conhecemos na sociedade individuo que não seja mais ou menos trapeiro; e cremos que esta profissão, necessaria e utilissima, data dos primeiros descendentes do pae Adão.

Se a ávida curiosidade de Eva, atiçada pelos malignos artificios de Satanaz, não houvesse apanhado o pomo conservador da graça, quem se lembraria, até ao presente momento, de fabricar o trapo, e quem conseguiria ver hoje um trapeiro?

A apparição de uma e outra coisa sera um facto impossivel, porque não se exigia, nem na vida physica nem na vida moral, o uso do trapo, nem o mister de trapeiro, cuja origem é a seguinte.

Quando a graça abalou do paraiso, o peccado, não tendo animo para apparecer em publico, ficou a scismar na pousada da saudosa fugitiva, sobre o modo por que havia de encobrir a sua macula; lembrou-se do trapo; fiou-o; teceu-o; talhou-o; cobriu-se com elle, e assim arranjou outra cousa que dá graça ao individuo, posto que não venha de graça.

Foi feliz a idéa, e até agora inda ninguem teve outra que melhor satisfizesse a este fim.

Sendo tudo isto assim, como decididamente nos parece, estão os leitores habilitados a comprehender esta definição:

Toda a sociedade é uma familia interminavel de trapeiros, dividida em diversas especies, a saber:

A dos trapeiros apurados, ou por excellencia — janotas;

Idem aveludados — burguezes;

Idem ensebados — pobres;

Idem esfarrapados — mendigos;

Idem que vestem e vivem de trapos e ossos, como o que a nossa gravura fielmente representa, e aos quaes consagrâmos exclusivamente estas linhas.

Estes trapeiros, que ao principio se nos afiguravam zero na longa equação social, representam até certo ponto, nada menos que a mola real de todo esse estrondoso movimento, operado nas admiraveis funcções da imprensa.

Póde-se dizer que é quem faz gemer os prelos, porque é elle quem fornece a materia prima ás fabricas de papel.

Não obstante, d'esta sua avultada e importante significação no mundo das sciencias e das letras, ninguem se lembrou ainda senão nós, e longe de ser objecto de idolatração publica, como o primeiro motor de industria que maior serviço presta ao progresso moral da humanidade, todos fogem d'elle como se fôra a peste em pessoa.

O trapeiro é, pois, o ente de mais triste figura que a natureza creou, e o maior desordeiro conhecido na politica do aceio.

A sua apparição causa um alboroto mais pronunciado do que aquelle que levanta o alarma de uma *bernarda*, a passagem de um emigrado de Marrocos, ou o pregão dos cegos vendendo a estulta carta heréticamente attribuida a Jesus Christo.

É que o trapeiro tem alguma cousa de repugnante phantasia, e de alheio ao aspecto e viver dos seres organisados, para infundir terror aos proprios cães, que mesmo a dormir dão por elle a longa distancia; é que o trapeiro é a peste das escadas, que por todo o transito das suas industriosas excursões, vae deixando em completo chiqueiro, pelo que se torna o flagello e o pesadelo dos moços e criadas de servir.

Atravessar em silencio, um palmo que seja, de rua, é-lhe tão impossivel como captivar as sympathias d'estes individuos, que hão de ser sempre seus eternos e acirrados inimigos.

O trapeiro segue a eschola da philosophia misanthropica, e é de facto e direito um apostolo que faz honra á canina memoria de Diogenes, e ao chorado barão de Catânea.

Não carecendo de auxilio algum estranho para exercer a sua industria; não precisando de relacionar-se, porque não pretende assentar-se á mesa do orçamento; litteralmente absorvido n'uma tarefa para que é necessario permanente olho vivo, o trapeiro anda sempre isolado, conversa só comsigo, porque nem mesmo aos compradores de trapo dá palavra; acolhe em si os dois insectos filhos da pobreza com pasmosa e inimitavel caridade, e do mundo apenas aproveita o que este despreza, para, em rigorosa harmonia com o systema do orgulhoso cynico d'Athenas, desprezar tudo quanto os outros homens usam e gozam!

NOGUEIRA DA SILVA

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Apontaremos e reprehenderemos hoje o mais vulgar e repetido solecismo da nossa lingua, o qual anda mui arreigado não só na conversação familiar, mas tambem nos discursos publicos, e nos dialogos dramaticos, em quasi todos os theatros.

Eu parece-me que hoje temos bom tempo.

Eu convem-me sair deputado.

Eu admira-me que haja tão pouco amor á lingua materna.

Eu aborrecem-me os falladores importunos.

Elle admira-me que fizesse tal.

Todas estas locuções são viciosas, barbarisam e deturpam a nossa lingua.

Os verbos chamados pronominaes empregam-se com pronomes pessoaes; mas estes devem tomar a variação que lhe é propria.

Nas phrases apontadas o pronome *eu* deve necessariamente variar para *mim*, com a preposição que se lhe junta, para a indispensavel clareza do discurso, que é todo o empenho das leis grammaticaes.

Devem, pois, todas aquellas locuções corrigir-se com a indicada variação do pronome. D'este modo:

A *mim* parece-me que etc.

A *mim* convem-me etc.

A *mim* admira-me etc.

A *mim* aborrecem-me etc.

A *mim* me admira etc.

Isto quanto ás regras da grammatica geral, concorde n'este ponto em todas as linguas neolatinas; porque, quanto á indole da nossa lingua, ainda devemos supprimir o pronome inicial de todas estas phrases, com o que ficam muito breves, energicas, e affirmativas. Assim:

Parece-me que hoje temos bom tempo.

Convem-me sair deputado.

Admira-me que haja tão pouco amor á lingua natal.

Aborrecem-me os falladores importunos.

Aqui estão, não só corrigidas grammaticalmente, mas em bom portuguez, todas as quatro phrases ou orações que ao principio transcrevemos com o indicado solecismo. E dissemos em bom portuguez, porque muitas vezes está o discurso escripto com todo o rigor grammatical, mas não com a propriedade e vigor que tem a nossa lingua. E isto se deve notar sempre aos estudantes, para que elles se persuadam, de que não basta saber grammatica para escreverem bem a lingua materna, porque isto só se consegue pela leitura dos bons auctores classicos.

Voltando ás locuções viciosas que já deixámos corrigidas, convem advertir, que a razão principal d'estas e similhantes corruptelas, é o costume de conjugar e acompanhar sempre os verbos com pronomes desnecessarios, que tanto enfraquecem, embaraçam e sobrepesam a lingua portugueza, e lhe dão o cunho da construcção franceza.

Para que das escholas se extirpe este costume, com o qual ficam viciados os estudantes, adoptou o sr. Julio Caldas, digno professor da eschola normal de Lisboa, na sua *Grammatica* publicada na *Encyclopedia das Escholas de Instrucção Primaria* (Lisboa 1854), o systema de conjugar os verbos sem os pronomes pessoaes, como até alli se usava, e se tem ainda teimado irracionalmente.

Eis os motivos que elle aponta em nota a pag. 43:

« Duas razões nos levaram a não conjugar os verbos com os respectivos pronomes pessoaes.

1.ª Porque não são os pronomes que designam as pessoas do verbo, mas sim a sua terminação. Quando dizemos *am-o*, *am-as*, *am-a*, *am-amos*, *am-ais*, *am-am*, estas terminações correspondem aos pronomes *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, e os substituem; portanto desnecessario é tal acrescentamento.

2.ª Porque usal-os nas conjugações, é costumar o ouvido dos estudantes ao seu frequente emprego, o que é contrario ao espirito e indole da lingua portugueza. Demais, as conjugações assim desembaraçadas d'estas palavras estranhas ao verbo, prestam-se mais facilmente a serem entregues á memoria. »

Apesar d'estas razões logicas e de facil intuição, os compendios de grammatica ainda continuam com o systema antigo!

Para que se veja que o abuso e multiplicação de pronomes é um dos vicios que mais afeiam a nossa lingua, citaremos a seguinte phrase de um auctor classico, mui popular nas escholas:

«Sendo eu vassallo, me tratou como amigo, e *me* amou como filho.»

A superfluidade do pronome pessoal, me, que vae sublinhado, causa n'esta oração dois grandissimos defeitos, ambiguidade e cacofonia

Pois este trecho é de Jacintho Freire d'Andrade, na *Vida de D. João de Castro*, livro que desde muitos annos anda nas escholas, mas que é preciso retirar das mãos de estudantes primarios, por ter um estilo excogitado, fanfarronico, e muitos desprimores grammaticaes como o que apontámos, e se deve emendar assim: «Sendo eu vassallo, me tratou como amigo, e amou como filho.»

Tambem ha bons exemplos da repetição de pronomes com elegancia e intimativa, como o seguinte:

«Que me louve ou reprehenda gente cega,
A mim se me dá pouco ou nada d'isso.»

A. FERREIRA — *Poemas Lus.*

ANTIGUIDADES NACIONAES

A camara municipal ou senado de Lisboa, gozou sempre de grandes preeminencias e regalias, durante a antiga serie dos reis de Portugal, todas conferidas em attenção e agradecimento aos moradores d'esta capital, com os quaes os nossos monarchas se acharam sempre, na paz e na guerra, como veremos das noticias e memorias antigas que tencionâmos dar a publico.

De todas as regalias que á camara de Lisboa se conferiram ou ella impetrou, nenhuma mais singular, e até exotica e vaidosa, como a de sollicitar, para si, o tratamento de *Alteza*, proprio de principes, oito annos depois da acclamação del-rei D. João IV.

Para averiguarmos este ponto, de que por acaso achâmos lembrança, investigando as antiguidades ainda tão desconhecidas d'esta nossa Lisboa, requeremos á camara, ha annos, nos certificasse, por modo authentico, para não parecer fabula, o que do seu archivo constasse a tal respeito.

Esse documento publicâmos agora, para encorporar n'esta serie de antigualhas, e se saber que effectivamente a camara de Lisboa pediu que lhe fosse dado o tratamento de alteza (provavelmente havia de se intitular: *Sua Alteza Municipal*), mas o rei mandando instruir o requerimento, ou não devolveu os papeis, ou se extraviaram, como outros muitos, sobretudo no tempo dos Filippes, de sorte que não sabemos hoje em que fundamentos estribavam os vereadores d'aquella epocha tão cerebrina pretenção.

Com que direito, e para que fins, quereria o tratamento de alteza, um tribunal popular, onde se sentavam tantos sapateiros e albardeiros?

Verdade seja que não nos deveramos pasmar tanto, vendo que hoje se dá por ahi excellencia a alguns presidentes das associações de artes e officios!

Pena é que ficassemos privados do teor da petição da camara de 1649, e apenas sabendo que ella requereu effectivamente o tratamento de alteza, como nol-o certifica o seguinte documento, que transcrevemos tal qual o obtivemos, para evitar razões.

Eil-o aqui:

«Diz Antonio da Silva Tullio, que para auctorisar um escripto que pretende publicar sobre as regalias e preeminencias que a camara de Lisboa tem tido em diversas épochas da monarchia, precisa saber, por certidão authentica, quaes foram os fundamentos porque a camara pediu a el-rei D. João IV o *tratamento de alteza*, o que segundo apontamentos que o supplicante tem, consta da representação transcripta a fl. 264 do livro 2.º do mesmo rei, no archivo municipal.

«Item, se a fl. 19 v. do livro carmezim, do mesmo archivo, onde se acha designado o logar que pertence á camara, indo com el-rei, ha com effeito alguma cota á margem, e o que diz. — P. a v. ex.ª a mercê de lhe deferir. — *Antonio da Silva Tullio.*»

«Passe, em termos. Camara 21 de setembro 1854. — *Mattos Pinto — Costa — Reys e Sousa.*

«Illustrissimo e excellentissimo senhor — A secretaria não póde passar a certidão requerida pelo supplicante Antonio da Silva Tullio, por quanto, os fundamentos que o supplicante diz constarem da representação transcripta a fl. 264 do livro II d'el-rei D. João IV, não existe similhante representação do dito livro e folhas; mas sim um decreto de 14 de outubro de 1649, que manda subir ao governo os documentos e papeis que a camara tivesse, sobre a representação que a mesma tinha, de se lhe dar o tratamento de *alteza*. — E no livro carmezim, a fl. 19 existe a designação que o supplicante menciona, e á margem d'ella se via existirem tres cotas, duas das quaes, quasi não fazem sentido, em consequencia de falta de letras, causada pelo aparado do livro, e a outra, não só por este motivo, mas tambem por se achar em estado de não se poder ler, por estar a escripta quasi de todo sumida. — A vista pois do exposto v. ex.ª mandará o que for servido. Secretaria geral, em vinte e dois de setembro de mil oitocentos cincoenta e quatro. — Servindo de subchefe da primeira repartição — *Frederico Torcato da Cruz.*

«Está conforme.— Secretaria geral da camara municipal de Lisboa, em 3 de novembro de 1854. D'esta gratis. — O escrivão da camara — *Nuno de Sá Pamplona.*

«Use da informação como certidão e lhe convier. — Camara 23 de setembro de 1854. — *Mattos Pinto — Serzedello — F. Mendonça.*»

EXEMPLOS CLASSICOS

Como os jornaes illustrados, qual é o nosso, necessitam de artiguinhos, ditos e sentenças de poucas linhas para ajustar as paginas, empregaremos sempre, para este fim, excerptos dos nossos bons escriptores, destinados a servir de exemplos aos mestres, nas analyses grammaticaes e de boa redacção que devem fazer a seus discipulos.

*

Não ha para um sabio maior obsequio que a offerta de um livro. *D. Francisco Manuel de Mello*

O ELEPHANTE OPERARIO

O homem tem submettido para o seu viver as maiores forças da natureza, as forças mechanicas, as forças animaes, as forças vegetaes, e continúa indefinidamente n'esta conquista. Por isso mesmo, tem sempre novos triumphos a esperar, e a sciencia e a actividade lh'os depara quasi todos os dias.

Posto que se tenha alcançado já muito na domesticação dos animaes, ainda ha muito que conquistar n'este reino da natureza.

O elephante é talvez, de todos os quadrupedes, o que mais póde ser prestavel ao homem pela domesticidade.

Este animal é o unico que sobreviveu aos seres gigantes dos tempos geologicos; e parece que a sua raça está a ponto de se extinguir. Deixal-a-hemos desapparecer sem a domesticar e aviventar?

Forte, corpulento, intelligente, de boa indole, e o mais sociavel de todos os grandes animaes, não será o elephante aptissimo para ajudar o homem nos seus trabalhos quotidianos?

Todos os nossos historiadores da India referem coisas maravilhosas da docilidade, obediencia e ensino dos elephantes, tanto na guerra como no trafego d'aquelles povos.

Conhecendo-lhes o prestimo, propoz ultimamente mr. Collaux á *Société protectrice des animaux*, varios alvitres para se aproveitar em forças e intelligencia o elephante domesticado.

Ha certos trabalhos, diz elle, que são proprios para os elephantes. O cavallo e o boi não devem continuar a ser sobrecarregados com os enormes pesos e tarefas que até hoje lhes impõem. O verdadeiro operario d'esses trabalhos é o elephante. Além de se poder apparelhar como qualquer besta de carga, póde com as mais pesadas, porque um elephante transporta com toda a facilidade um peso de 65 arrobas ou.... kilogrammas. É verdade que come umas tres arrobas de alimento por dia, mas trabalha em proporção. Tem, porém, muito boa bocca, não ha comestivel que rejeite, pelo que custa tanto a sustentar como tres cavallos, os quaes necessitam de outro penso. Anda depressa, e póde fazer n'um dia trinta leguas tão facilmente como um cavallo faz cinco.

Vivem 150 a 200 annos, de sorte que n'uma familia seria tal propriedade como uma quinta, uma casa ou uma fabrica.

Ajunte-se a esta grande potencia muscular o producto dos seus dentes, que tanto emprego tem nas manufacturas de marfim; a pelle, a gordura, os nervos, o leite, e a grande quantidade de estrume, o que será um novo manancial para a agricultura.

Porém a sua mais preciosa qualidade é a intelligencia, que, junta á força, dá a este animal um valor impagavel.

Um elephante bem ensinado é operario gigante, que trabalha como um Hercules por si só.

Conta modernamente um viajante, que em certa cidade da India ingleza, vira um elephante que trabalhava nas demolições, sósinho, deitando abaixo todos os materiaes com a tromba, e com ella os lançava n'um apparelho que tinha sobre o lombo, transportando-os cuidadosamente para um logar que lhe havia sido apontado, sem quebrar nem perder coisa alguma. Depois removia o entulho, e limpava o terreno perfeitamente. Vêde a estampa.

O elephante operario

Meia duzia d'estes elephantes operarios bastavam para deitar abaixo os casebres do Loreto em vinte e quatro horas. É os que desejavamos para demolir as vergonhosas ruinas de S. Roque, muitos pardieiros de Alfama, o forte de S. Paulo, e acabar quanto antes o atterro da Boa-Vista!

Mr. Collaux termina a sua memoria com o principal da questão que elle suscita, que é a aclimação d'estes animaes na Europa, e sua procreação. Para este fim adduz o testimunho de varios escriptores romanos, entre elles Columella, que dizem se reproduziam em Roma os elephantes que vinham para os espectaculos gladiatorios.

Se isto assim é, contâmos dentro em pouco ver pelas ruas das cidades, elephantes carregados e pacificos como burros de lavandeira.

Que maravilha se pedirá a este seculo que elle não nol-a dê?

Para que se veja que a intelligencia e habilidade dos elephantes é coisa antiga e averiguada, não será despropositado mencionarmos aqui a destreza e *cortezania* d'aquelle famoso elephante que el-rei D. Manuel mandou de presente ao papa Leão X (Lourenço de Medicis) em 1514:

«Fazia-se ver singularmente, entre tanta grandeza (da embaixada) um elephante indio, sobre o qual ia um riquissimo cofre com o presente que el-rei mandava ao papa, coberto de um panno tecido de oiro, com as armas reaes de Portugal, que não só cobria o cofre, mas tambem o elephante até beijar a terra. Ia tambem, sobre este, um naire que o mandava, vestido de roupa de ouro e seda.

«Tanto que o elephante avistou o papa, obedecendo ao naire, se humilhou tres vezes, e tomando na tromba grande quantidade de agua de cheiro (que estava prevenida) borrifou com ella ao papa e cardeaes, depois aos mais que estavam pelas altas janellas, e voltando-se para o povo, começou da mesma sorte a ensopal-o; findo o que, fazendo tregeitos e meneios com muita graça, repetiu a primeira cortezia e foi passando muito senhor do campo.»

Por aqui se vê, que o elephante não está unicamente fadado para operario, ou besta de carga, como quer mr. Collaux.

Explicação do enigma do numero antecedente

A vergonha cora as faces, o medo as desbota

Bastos

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.